

no quando o Inconformado tem que vir o que há p...  
armado quer não ouvir o que o Inconformado para dizer...  
ouve o que tens para convívio de 615 para o ch...  
Formado vai ao convívio de 615 para o ch...  
FAUP cheia de críticos - vivícos. O Inconformado  
te informas - O Inconformado só tem...  
res - O Inconformado se obdo nem sabe...  
el - O Inconformado não o Inconformado  
gora já não paga. O Inconformado de a uns turri...  
vende-o na faculdade. Vai ter...  
ão tem cabeça. O Inconformado vai acabar...  
curso - O Inconformado para he ref...  
nhar vento na cara para o Inconformado  
C mas queria afundou - O Inconformado  
conformado afundou - O Inconformado  
tempo indefinido, não se no piso d...  
Inconformado quer de ob - desenhar d...  
do gostava de ter acesso a um se...  
ormado só quer na relva - va da árvore...  
de dormir a espera da bolsa. O Inconformado  
tempo à espera da bed Inconformado  
te compreendida. O Inconformado da sua plu...  
perdeu-se no meio d-b um bro e na...  
a Telheiras visitar um sta de arquite...  
O Inconformado gostava acordou co...  
do. O Inconformado aos Disseram a...  
eletrónico na FAUP. DED gora já pod...  
elhote cá da casa e ag sociedade. O Inconformado  
ogia inerente a uma ouvida. O Inconformado  
er que a sua voz seja ou com variá...  
ar e fazer arquitectura maravilhosas. O Inconformado  
de volátil, criatura mar e vai ter de...  
usar programas CAD giram 3 o inc...  
er ser contente. Pedir do lixo ac...  
ormado quer caixotes escobar, Não há imag...  
u - Não há troco no ba do Inconformado é um ve...  
n dia... O Inconformado 0,5 l de á...  
rante três minutos em mente, sem deix...  
itou-as em oleo quente, as finas. Junte...  
cebolas em meias luz Inconformado  
om esparregado - O Inconformado  
objeto limpinho e enche Inconformado  
tenta com pouco. O Inconformado  
o sabe. Tem pouca. Se Inconformado  
ca - O Inconformado não se sente...  
indisciplinado. O Inconformado é ai...  
ormado está aqui para agitar um...  
o - So/bre o Inconformado es/tar...  
ormado proclama o contubérnio...  
quer ouvir discussão pelos corre...  
natal da FAP - Se o Inconformado est...  
a chover. Esta va a chover e o Inconfor...  
r a FAUP cheia de pedras Inconformado  
vegetariana. O Inconformado é inform...  
mpre será Inconformado. O Inconformado  
vontade de qualquer coisa que é de l...  
om certeza de qualquer Inconformado é um til...  
"Que bela faculdade a minha!", disse...  
u um pássaro tão raro que vomitou, fic...  
o um dia. O Inconformado Inconformado vai acabar...  
mioleira. O Inconformado Inconformado precisa que...  
acaba maquetes em todo o lado. O In...  
o Carlos Ramos e foi Inconformado. O Inconformado  
ormado é feminista. O Inconformado  
nas janelas é sala cor Inconformado  
3D. Isso é da sala cor Inconformado  
as costas é que do Inconformado  
e as costas é que do Inconformado  
O Inconformado dava a construir...  
ormado gosta de an...  
está pobre. O Inconformado  
idade. O Inconformado  
ntrou a porta do se...  
s não sabe quer...  
espalmada se mesa...  
ormado que na branco...  
à frente o branco...  
ormado da fila no...  
do tem contínuo...  
contre qu...

# A ESCOLA

N.º 2\_ABRIL 2019

O Inconformado é um projeto do departamento de Políticas Educativas da AEFAUP que surge para informar, despertar e agitar umas cenas.

Seja em forma de publicação periódica, conversas ou eventos, o Inconformado manifestar-se-à acerca de vários temas.

Este espaço também é teu e são os teus contributos - reflexões, devaneios, interrogações - que lhe dão forma. O Inconformado visa a promoção da consciência e da iniciativa estudantil, a crítica e reflexão quotidiana.



## **O Estudante da FAUP é representado pela AE-FAUP em vários palcos, de seguida enumerados sem ordem específica:**

\_ Conselho Coordenador da Melhoria do Ensino- Aprendizagem da Universidade do Porto

\_ Reuniões do Senado da Universidade do Porto

\_ Encontro Nacional de Direções Associativas

\_ Conselho Municipal da Juventude

\_ Assembleias Gerais da Federação Académica do Porto

\_ E qualquer outra comissão, grupo de trabalho ou reunião, dentro ou fora da nossa unidade orgânica, com a presença da Associação de Estudantes.

## **Resumo das festas:**

Depois do estudante  
foi a vez da escola,  
ser tema deste inconformado,  
ser motivo de graçaola.

Aos estudantes pedimos  
formosas contribuições  
e quase tudo o que recebimos  
foram críticas, desilusões?

Aos que esperariam diferente,  
louvores menos indecente,  
pois que escrevam e nos elucidem,  
sobre a escola que têm em mente.

Não será grave perguntar,  
Se quem não tem nada a criticar,  
não estará ocupado a trabalhar.  
A desenhar.

E quem para nós escreveu, criticou,  
é certo, podemos dizer,  
que nada na vida terá pra fazer.

Importante é referir,  
a primeira conversa que do inconformado  
com alunos internacionais a discutir,  
o que da faup devemos exigir  
e a melhor maneira de contribuir.

Importante é referir,  
as conversas que estão para vir,  
brevemente serão anunciadas  
e com os temas destas publicações  
O que para já é sabido  
é que sobre as escolas do porto uma  
isto, se nos derem alvará.

Importante é referir,  
o tema da próxima publicação,  
que com pompa e circunstância,  
será sobre as diferenças entre o ensino

E caros leitores,  
como imaginarão,  
para este tema chamaremos apenas à  
os mais velhinhos, os que arquitetos

E para mais não vos maçar,  
com estes versos de encantar,  
aqui nos despedimos com a  
de brevemente vos contactar.

Beijinhos e abraços !



# a escola



Será que interessa ter uma boa escola quando o (bom) estudante não tem tempo para usufruir dela?

Luís Carreno, Zano

surgiu,

“Nós sem a arquitetura não podemos pensar”. Será essa a condição dos arquitetos e estudantes de arquitetura? Por estarmos tão inseridos nessa esfera levamos essa linha de raciocínio para todas as vertentes das nossas vidas? Será que só sei pensar tendo como ponto de partida a arquitetura?

estarão relacionadas.

As questões sociais, a arte, a literatura, as dinâmicas interpessoais; tudo eu condiciono à minha visão da conformação do espaço. Me pergunto como as outras pessoas veem situações que diretamente associo à arquitetura. Questiono se consigo enxergar os espaços de maneira diferente...

conversa existirá,

É claro que sim!  
Ou eu espero que sim...  
Estudante Inconformad@

e a profissão.

participação,  
já se considerarão.

promessa,

**Nota:** Se tens um contributo relativo ao tema do próximo inconformado, ou conheces alguém que tem, envia-nos por mail para :

**politicaseducativas.  
aefaup@gmail.com**

**3 + 2 = 5 ?**

**investiguemos:**

**parede + teto = casa**

**janela + céu = enquadramento**

**limites + abstrato = espaço**

**pensamento + prática = projeto**

**curva + livre = estrangeiro**

**betão + branco = porto**

**sono + tempo = faup**

**trabalho + trabalho = escola**

**trabalho + desemprego = futuro**

**fim de relatório**

**3 + 2 = nada**

Raquel Stattmiller, Zano

## **Breve apontamento sobre a Conversa #1 d'O Inconformado, ENTRE ESCOLAS**

Às 18:30H de 21 de março de 2019, na sala plana, Chloé Darmon (École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville), Leonardo Dias (Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), Margherita Autorinò (Università Roma Tre - Facoltà di Architettura) e Nuno Neves (Universidade Federal de Minas Gerais) relataram as suas experiências e enunciaram as suas posições em relação às escolas de arquitectura que frequentaram (postas em perspectiva com os seus percursos na FAUP). De seguida, de porta aberta a qualquer interveniente ou espectador, deu-se a Conversa.

### **Foram postos os seguintes temas em cima da mesa:**

**Plano de estudos:** a estrutura de um curso de arquitectura e a formação do arquitecto (consciente dos processos em que está envolvido e dos quais tem responsabilidade); a duração do curso e das cadeiras (segmentação, o número de horas com e sem contacto, autonomia/colaboração, obrigatoriedade/opcionalidade); a abertura a diferentes formas de pensar e de fazer (método projectual, escola-disciplina-prática); a relação com a tecnologia/

novas formas de criar; a questão da avaliação de um projeto de arquitectura; a multidisciplinariedade vs. transdisciplinariedade; a relação professor-estudante; a qualidade das instalações; o envolvimento do estudante nos órgãos da faculdade.

**Escola/Cidade:** o debruçar da Escola sobre o que a rodeia; a produção académica consciente das condições e carências actuais da cidade; o apoio e envolvimento do estudante de arquitectura na cultura e nos movimentos emergentes (sociais, reivindicativos) da cidade; a posição crítica e política da Escola (e, consequentemente, do estudante) na região, no país e no mundo.



O início concorrido da conversa



Algumas desistências pelo meio

## Alguém precisa ser exorSizado?

Escrevo este texto na tentativa de responder a uma pergunta levantada na reunião do inconformado realizada no dia 22 de março. Depois de uma introdução sobre as experiências pedagógicas de outras faculdade ao redor do mundo, um dos colegas perguntou se a prática experimental vivida durante a faculdade se refletia posteriormente na prática profissional (dentro dos cenários apresentados). Respondendo a essa pergunta, acredito que não exista muito da prática experimental na prática profissional, e isso por razões óbvias: a prática profissional está à mercê do lucro e da expansão dos processos de acumulação de capital. A prática experimental vivida na faculdade existia justamente por estar na faculdade. Bancada por dinheiro público e com professores de dedicação exclusiva ao ensino e a pesquisa, a Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais oferecia ao estudante de arquitetura uma gama de disciplinas que buscavam alternativas à concepção do projeto como uma ferramenta fechada em si mesmo, um solilóquio entre o terreno, o programa e o volume.

Passados dois anos e meio estudando na EA-UFMG, em setembro de 2016 me transferei para a FAUP. Apesar de ser também uma universidade pública, as diferenças entre essas duas escolas que fazem parte do início da minha jornada como arquiteto eram claras: começando pelo pagamento das propinas, o que é algo que precisa ser discutido mas que não entra no âmbito dessa divagação, e chegando ao fato da prática profissional estar diretamente imbricada com a prática pedagógica. É visível também a teoria coesa por trás da pedagogia que permeia a escola inteira: em tempos de computadores, BIMs e ArchiCADs, a escola ainda faz prevalecer a ideia do processo através do desenho e da maquete. Peço aqui atenção ao leitor: não estou de forma alguma querendo dar a entender de que devemos trocar os lápis pelos ratos. Acredito que a experiência do desenho e da maquete são essenciais para uma melhor compreensão e desenvolvimento do projeto, algo que se perde quando se trabalha com o automatismo imediato

do computador. Entretanto, vejo também como é nocivo quando o universo da arquitetura é reduzido a um diálogo somente entre arquitetos: apesar de não existir nada de específico da disciplina da arquitetura, construímos entre nós, mestres e aprendizes, parte por cumplicidade, parte por coerção, algumas elaborações teóricas que buscam a ilusão da construção de um saber que seria próprio e único dos arquitetos. É um discurso tautológico em que o projeto justifica o desenho e o desenho justifica o projeto, enquanto a realidade anda em paralelo com as outras disciplinas. Enquanto prática autônoma da arquitetura, acredito que a FAUP ofereça excelentes ferramentas de percurso, nomeadamente a ênfase no processo através da maquete e do desenho. Entretanto, acredito também que o percurso acadêmico do estudante não pode ser pautado unicamente por essas prática autônoma da arquitetura. É preciso também ter uma visão de um currículo que aborde uma prática “outrônoma” da arquitetura: uma que visa a construção de um saber não para a valorização do discurso do arquiteto-artista, mas uma que esteja aberta a um diálogo franco com outras disciplinas e com os outros agentes daquilo que compõe o ambiente construído, aquilo que está fora da prancheta.

Um espectro paira sobre nós. Vários espectros, na verdade. A recente discussão acerca do trabalho precário em ateliês de arquitetura é só uma das faces de um sistema de exploração que é normatizado pela mercantilização da prática profissional (e pela relação promíscua com as práticas pedagógicas). Do fetiche do capital nem o Siza escapa e acaba sendo refém das próprias circunstâncias que o “cultivaram”. A fetichização da mercadoria pode encontrar vários discursos para a justificar. É nesse espectro que lanço a pergunta, (talvez demasiado provocatória mas é isso o que rende cliques hoje em dia) que abrem essas palavras: a FAUP será sempre assombrada pelo Siza, pela ideologia de uma pedagogia que por mais livre e criativa que seja dentro de seu próprio universo, está imersa num sistema de exploração que se mostra cada dia mais insustentável? Sabemos que alguém precisa ser exorcizado. Será preciso exorcizar o Siza do Sizismo? Exorcizar o Siza da FAUP?

Dentro de uma visão da arquitetura como uma disciplina que se fecha em si mesmo a implantação da escola não poderia ser mais representativa da ideologia que a justifica: volumes brancos que separam os corpos de acordo com as idades e as torres, inseridos nas áreas residuais de um sistema viário decadente, de costas para a cidade mas com enquadramentos fantásticos de uma paisagem belíssima. Já imaginaram que espetáculo que será quando o nível do mar já tiver subido a ponto de submergir o estacionamento?

Nuno Neves\_5ano

Os resistentes finais



O Manuel Graça Dias cedeu-nos [Departamento de Políticas Educativas da AEFAUP] este documento no contexto dos debates de 2016 sobre o Plano de Estudos do MIARq. Agora, revisitando-o na infeliz e conhecida circunstância, e com o devido distanciamento possibilitado pelo tempo escorrido, é-me possível ler com outros olhos este texto que também reflecte a clareza de pensamento a que o Graça Dias nos habituara. Penso que a mais honesta posição relativa às considerações escritas sobre a escola é a sua publicação, sem preocupações excessivas de sigilo, possibilitando o enriquecimento do debate – enriquecendo os próprios processos de ensino-aprendizagem – criando condições para a manutenção da consciência colectiva do que quer que andemos cá a fazer. Acredito assim ser esta uma justa homenagem. Subscrevendo plenamente a cartografia dos problemas apontados e louvando a boa – mas ignorada – hipótese para a particular questão da finalização do curso e reenquadramento do 2º Ciclo de Estudos, sou capaz de duvidar da proposta em dois pontos.

Em primeiro lugar, parece assumir à partida que a amplitude das possibilidades de investigação depende única e exclusivamente do que o corpo docente da FAUP pode – ou não – oferecer. Efectivamente, constata-se «a desvalorização generalizada, um pouco por todo o lado, dos currículos e das cadeiras ligadas à teoria e aos espaços tendencialmente não produtivos da instrução crítica e da reflexão – veja-se o exemplo do fim progressivo das dissertações de fim de curso de teor mais reflexivo/teórico e o predomínio de exercícios de projecto que mimetizam e simulam operações «reais» de projecto com as suas «memórias descritivas» enfadonhas» (P. Bismarck). Entre muitas razões e sintomas, uma delas é indubitavelmente derivada de opções políticas escolares tocantes ao tempo e à docência. Apesar de o tronco disciplinar de Teoria estar presente em todos os anos curriculares – a par de Projecto –, basta atentar a contagem dos tempos de contacto e distribuição do serviço docente da última década para comprovar a constante subnutrição desta área disciplinar. Com efeito, e tendo em conta a generalizada cristalização das funções docentes em troncos disciplinares específicos, o conjunto de docentes cujo labor académico de investigação poderá facilitar a orientação de dissertações de teor mais reflexivo/teórico é sistematicamente reduzido. Não, esta qualidade não é obviamente reservada apenas a docentes de Teoria, nem as dissertações de teor mais reflexivo/teórico são as únicas de interesse, mas a verdade é que a FAUP vai somando dificuldades na correspondência às vontades de investigação dos estudantes desinteressados em exercícios de desenho de projecto «reais» ou monografias – questão ainda mais agravada depois do DL 65/2018 e adaptação subserviente, forçada, tardia e injusta da FAUP, que impede a orientação de dissertações de mestrado por não-doutorados, independentemente da sua (comprovada) competência e desempenho de funções docentes imprescindíveis no decorrer do MIARq. Em segundo lugar, um redesenho do 2º Ciclo de Estudos deverá implicar uma consideração da totalidade do curso, sob pena de perda de conteúdos no âmbito da formação integral dos estudantes (i.e. perda da oportunidade universal de exercício de projecto urbano). Não é uma crítica à proposta do Graça Dias, mas antes uma chamada de atenção a quem a leia. Assim, penso pertinente, a título de exemplo, que se dê a conhecer a proposta de evolução do Plano de Estudos do Manuel Mendes, também de 2016, já que apesar de não lhes chamar Laboratórios de Tese, propõe uma organização curricular não contraditória, conquanto total, além de me parecer assemelhar-se parcialmente à (interessante) solução que se apresenta no 2º Ciclo de Estudos da escola do Minho: módulos de exercício projecto apoiados em seminários teóricos integrados.

1-Para análise detalhada da generalidade das discrepâncias entre Unidades Curriculares, leia-se o Relatório introduzidos resultados dos IPUP 2016/2017 no MIARq da FAUP que escrevi para o Conselho Pedagógico. Fernando Pimenta, 6-ano

Código para documento do Graça Dias mencionado no texto do Fernando Pimenta



Hoje vi a FAUP vestida de ligeireza,  
No seu áureo e majestoso branco refletindo  
Das flores todas as cores, e da Natureza  
O manto primaveril que vem vindo.

Hoje vi a Prima( do )Vera(o) chegando,  
E esse vestido de folhas mortas,  
Também elas cansadas de um Inverno,  
Fazendo no chão umas rugas tortas.

Hoje de todos a vi despida, pura  
Limpa desse formigueiro constante.  
Só hoje a vi na sua toda alvura,  
Apesar de todas as aulas de Arquitectura.

Camaleão, que me dizes sobre teu poiso mutante?  
Tília te creio, árvore te sei.  
Que te remexes, com o Zéfiro e o Levante,  
Que no estio exuberante,  
Hoje andas sem coroa, ó Rei.

“Estou aqui.” sussurras, elegante, no meu ouvido  
Sempre com esse branco berrante, sentido.  
De tanto te mirar, só duvido,  
Ainda que sem mar, não ser almirante.

Em teus ramos vejo decisões,  
Vejo o tempo organi(ciz)ado;  
Vejo que te saúda o sol dourado,  
Que anseias quentes Verões.

Recebes sempre os bons dias  
E sempre a nós no-los repetes.  
Pedes aos pássaros as melodias  
E as chilreadas cantorias,  
Para dar aos Arquitectos

Saindo hoje de urbanística, aliviado  
Penso no que me pedes, sempre.  
E se nesse sacrifício dado  
Sou soldado ou verdadeiro crente.

És previsão meteorológica,  
És estado de espírito e espírito de estar  
És chronos marcado em patina  
És deambulação errática  
E o tempo para parar...

Olho-te e percebo o porquê  
De a côr ser importante  
Olha-te vestida de branco  
E na minha mente, fascinante,  
Apareces-me refletindo tanto:

Tudo o que o olho vê  
Mais o que julga sentir o coração  
A cor do céu, o tempo, a data,  
A fome, o calor, a hora exata  
Tudo isso é reflexão.

Tomás Cruz, 3ano

Recentemente estive numa atividade onde as pessoas me questionavam qual era a minha experiência na FAUP. Fez-me pensar. Nós, como estudantes, lamentamo-nos muitas vezes de milhares de problemas que sentimos a estudar na FAUP. E não estou a falar da falta de tomadas, de procurar casa para construção, ou de gastar 50 euros por mês em esferovite. Falo de problemas que sentimos no plano de estudos. Será que sentimos esses problemas, porque muitos estudantes têm um rumo na sua cabeça, que a ESCOLA não permite?

Para mim, cada estudante tem o direito de pegar num trabalho e fazer dele o que quer. Frase dúbia tendo em conta que existem avaliações, e standards de entrega que condicionam os alunos. O meu professor de Projeto diz que, em Projeto, estamos a responder a um cliente, e se o cliente quer as coisas assim, é assim que temos de as fazer, ou seremos despedidos. Se calhar o melhor modo de não stressar com o cliente é respondermos a vários ao mesmo tempo - a concursos e atividades - para podermos expressar a liberdade que às vezes nos é condicionada.

Tenho um amigo a estudar em Londres que veio à FAUP, e afirmou-me que todas as maquetes são iguais. Na minha faculdade nós começamos um projeto a olhar para ele e com objetos que encontramos à mão - uma bola de ténis, garrafa de água, e depois pensamos no espaço que eles criam, para chegar ao espaço que queremos criar. Eu questionei como é que eles eram avaliados e ele disse-me que era pela ideia e apresentação.

Deixo esta ideia no ar, até porque ninguém é forçado a começar a olhar para um Projeto com volumes.

Eu não me esqueço que, pessoalmente, não conseguia desenhar uma árvore quando cheguei à FAUP – foi a ESCOLA que me ensinou.

E se queremos estar em novas escolas, é isso que faremos no quinto ano.

Rebeca Jesus, 3 ano



kill your masters.  
queue for your masters.

o espaço da faculdade é sujo, mas coberto em mármore.

não é atoa que o espaço supostamente gerido pelos alunos está cheio de sacolas vazias de monopólios capitalistas e garrafas terminadas, mas com rótulos até simpáticos. E, das presenças e faltas que formam esse ambiente, algo que não me faz falta é a presença do mármore

não desgosto do material, também não acho apropriado, mas pronto, acho descabido falar sobre isso aqui. Já estou esgotando minha presunção. O que me irrita mesmo é a aparência limpa e frígida do chão e dos lambris que estão sempre ao nosso lado, estabelecendo uma relação com a escala humana, ou a escala do estudante. Que, no meu caso, só se sente representado quando o chão do corredor tem uma mancha de café, já que algum infeliz teve o infortúnio de ter sua energia líquida se transformar em pingos espalhados no chão do Pritzker. as paredes são tão frias quanto as maquetes de esferovite, mas não tao frias quanto um professor quando pede seu café no bar. Ou sua cerveja, ou até um panike, afirmando sua superioridade sobre qualquer ser vivo nessa faculdade. Inclusive sobre a linda árvore do jardim ao lado do museu, que mais parece um bloco de autocad materializado do que natureza.

acho que talvez seja assim que eu me sinto na ingenuidade e estupidez dos meus, recém completados, 21 anos. uma mera escala humana em um maquete coletiva, 1:1, em que nenhum professor ou aluno, ou qualquer coisa entre ou que combine os dois, se atreve a meter o xizato.

Leonardo Dias, 2ano

## Escola: machine à travailler

A intensa proliferação de estágios não-remunerados lançou, recentemente, um amplo debate que expôs, uma vez mais, a normalização dessa figura proletarizada que é o estagiário. Mas expôs, também, as contradições de gabinetes de arquitectura como o Elemental, de Alejandro Aravena, cujos projectos habitualmente identificados como «socialmente conscientes» – por exemplo, o conjunto habitacional da Quinta Monroy – instituíam no seu próprio processo de produção relações sociais e laborais de exploração e precarização.<sup>1</sup>

No contexto desta discussão não deixa de ser paradigmática a afirmação de um designer, Karim Rashid<sup>2</sup>, ao dizer que os estágios não remunerados têm mais valor que a exploração desencadeada pelos cursos universitários e que um aluno poderia aprender mais aí do que numa faculdade.<sup>3</sup> Paradigmático porque é revelador do lugar ambíguo em que as universidades – e, particularmente, as faculdades de arquitectura – se colocaram ao assumirem uma progressiva profissionalização das suas práticas pedagógicas. E não se trata, apenas, da empresarialização da universidade – que precariza todas as suas estruturas e faz da competitividade e da quantidade o seu lema – mas de currículos que são totalmente construídos à imagem do mercado. Currículos que apostam, sobretudo, numa aquisição intensiva de competências técnicas-tecnocráticas, simulando na sala de aula a experiência total do escritório de arquitectura e as condições específicas do mercado e, por isso, dirigindo o estudante para os mecanismos e técnicas operativas da concretização da «solução»: seguindo modelos, códigos, protocolos, apriorísticos e burocratizados, perdidos na lonjura do tempo, ainda que ornamentados, aqui e ali, por um ou outro gesto «poético», uma ou outra «história».

A desvalorização generalizada, um pouco por todo o lado, dos currículos e das cadeiras ligadas à teoria e aos espaços não produtivos da instrução crítica e da reflexão – veja-se o exemplo do fim progressivo das dissertações de final de curso de teor mais reflexivo/teórico e o predomínio de exercícios que mimetizam e simulam operações «reais» de projecto com as suas «memórias descritivas» – não tem apenas o custo de produzir um tipo de aluno e um tipo de arquitecto, para quem a arquitectura só pode ser um exercício individual e privado, sem qualquer dimensão disciplinar e comum – como escrevi num pequeno ensaio chamado «Arquitectura e “pessimismo”»<sup>4</sup>. Mas terá ainda o custo – cuja ironia se paga a dobrar – de esvaziar de sentido as próprias escolas de arquitectura. Na verdade, para que pode servir uma escola se a sua formação é meramente técnica e está virada exclusivamente para as exigências específicas e directas do mercado? Para que pode servir uma escola se esta é, apenas, um está-

gio, um pré-escritório, uma simulação «pragmática» e «realista» da profissão? Para que preciso da escola (e de pagar a escola) se, afinal, posso bem aprender num escritório? É esta a contradição ou, melhor, a condição limite do modelo neoliberal universitário cuja utopia realizável assenta na morte da própria universidade.

A precipitação obsessiva na vida profissional que, hoje, mobiliza cada vez mais o estudante preso à dívida sempre presente da propina é, ela própria, uma forma de precarização: não apenas naquilo que diz respeito às mais directas condições materiais de vida, mas porque a propina – enquanto dispositivo de exploração e de controlo – obriga o estudante a calcular, a contabilizar e a dirigir o seu tempo precioso apenas para aquilo que lhe pode ser directamente útil, enquanto saber, ou melhor, know how, aplicado e aplicável.

Mas, ao mesmo tempo, prevalece toda uma ideia na qual a arquitectura se aprende verdadeiramente em escritório, o que não passa da imagem desgastada de uma outrora profícua relação entre atelier e escola – mobilizada a partir de outros pressupostos e num ambiente político muito diferente – que, hoje, não existe. E, portanto, um mito que é, na verdade, uma força profissionalizante e mercantilizadora inerente à máquina escolar neoliberal que, em nome da experiência e da promessa da «prática» e da «profissão», remete o estudante para o espaço homogéneo e sem qualidades do trabalho: fazendo da escola já não uma machine à habiter – para usar e subverter a célebre expressão de Corbusier –, mas antes, uma machine à travailler. Uma máquina que transforma a sala de aula em escritório, o projecto em solução, a vida de estudante em vida de trabalho ou, nas palavras de Anne Querrien, que «transforma o desejo de saber, em obrigação de desejar trabalhar». E, como escrevia Walter Benjamin: «Antevendo coisas terríveis, Marx respondera já que o ser humano que não possua outra riqueza a não ser a força de trabalho “será necessariamente escravo dos outros seres humanos, os que se transformaram em proprietários”»<sup>5</sup>.

Pedro Levi Bismarck, professor



<sup>1</sup> Especificamente sobre o Elemental e o projecto para a Quinta Monroy ver o artigo intitulado: “Machines à travailler: arquitectura, habitação, escola” publicado na Revista Puncto (edição online).

<sup>2</sup> <https://www.dezeen.com/2019/03/27/elemental-unpaid-internships-row/>

<sup>3</sup> <https://www.dezeen.com/2019/04/02/karim-rashid-unpaid-internships-row/>

<sup>4</sup> Ver: Pedro Levi Bismarck, «Arquitectura e “pessimismo”», ex-curso 01, série b, Porto, Stones Against Diamonds, Setembro 2018.

<sup>5</sup> Walter Benjamin, «Sobre o Conceito da História», in O Anjo da História, ed. João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p.15



## Crítica:

Pedimos desculpa para o grupo que ganhou se o que segue os ataca indiretamente. Essas palavras são dedicadas apenas ao júri do concurso da Barraca da Queima 2019, cujas decisões revelam algo mais grave do que um desconhecimento do que pretendem procurar.

O concurso da barraca deste ano envolvia como principal tema uma questão de política Verde para fazer-nos experimentar e propor novos desenhos e inovações no meio da reciclagem e reutilização.

3 projetos foram destacados pelo Júri:

O primeiro e o vencedor, baseia-se no uso de uma lona de plástico usado nas obras como único revestimento. Produzindo um desenho simples essa dinâmica envolve materiais que pelo que percebemos são comprados na totalidade e serão reutilizados uma última vez no Faup Fest antes de ser considerado lixo.

O segundo, menção honrosa, se propõe pelo contacto de uma plantação organizada e sustentável de construir tudo em bambu, propondo um desenho simples e com um cuidado no trabalho da matéria. Como nós, Faupianos, gostamos. Essa dinâmica parte do princípio de usar matéria orgânica que depois da queima poderá ser transformada em várias coisas que seja estrutura o triturada e devolvida a terra. Sabendo que daqui a 5 anos o pé de bambu cortado voltará a seu tamanho inicial.

O terceiro, igualmente menção honrosa, se propõe de fazer uma colecta dos lixos de plástico entre alunos da faup e além, e pela colaboração de todos, produzir uma textura de placas de plástico reciclado. Um desenho simples e um trabalho da matéria que se baseia em encaixe de peças únicas e introduz uma nova maneira de pensar e de ver os nossos lixos. Além de propor um movimento coletivo na

elaboração do projeto, essa dinâmica tem o rigor de incorporar essa nova matéria num sistema circular onde as placas poderão, no fim da queima, ser fundidas e reutilizáveis ao infinito, princípio de Up-cycling.

Frente a essas três propostas julgadas apenas sobre suas políticas verdes introduzidas e partindo de pressuposto que as três são "belas", nos parece que os grupos que receberam menção honrosa são os que verdadeiramente propõem algo que responde ao pedido do concurso. Aproximando-se de uma economia circular.

Em si, isso traduz apenas estratégias de concurso diferentes. Fazer concurso para ganhar, baseando seu projeto nas limitantes da instituição organizadora ou para inovar. Mas a escolha feita pelo Júri revela outro problema na representação de valores. Essa decisão incentiva os alunos a pensar de uma forma a propor projetos para ganhar e não para inovar em arquitetura. Por mais que é uma atitude que permite ganhar não achamos que é o tipo de política que defendemos na faup. Além de escolher um projeto que não representa o tema principal do concurso...

Entendemos, que afinal a Ae não pode se permitir o luxo de fazer coisas muito técnicas, o que é triste mas real. E por isso após ter encontrado com o outro grupo que recebeu menção honrosa e vários outros estudantes, achamos que poderíamos se encarregar nós próprios, juntando qualquer pessoa da Faup que queira saber sobre o processo de cada projeto, ajudar na construção ou no financiamento para construir as duas menções honrosas para o FAUP-Fest.

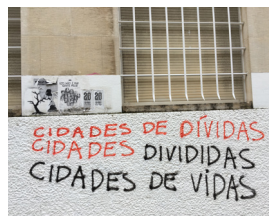
Esperamos que assim poderíamos ter uma real representação do que pode ser um projeto de política sustentável. Aguardamos vossas impressões. Esperamos voltar a comunicar rapidamente.

Thomas Lindemann, 3ano





Fotografia do sigarra do professor Álvaro Domingues

Brad Pitt a ajudar nas maquetes o Frank Gehry



## Sopa de letras

T	Y	U	F	E	R	T	O	D	U	S	T	A	P	O	R	R	E
A	A	L	U	N	O	E	S	T	R	E	L	A	U	S	E	A	C
P	A	C	E	U	L	T	E	R	V	I	D	A	E	R	A	N	I
A	D	O	F	E	A	E	R	P	N	E	L	R	Z	I	B	S	N
P	L	S	D	U	G	R	R	V	I	L	A	O	Q	U	Q	C	C
E	A	E	E	N	R	O	E	S	T	A	B	I	U	P	U	O	O
L	T	F	I	E	I	C	L	A	U	D	I	A	A	I	E	L	N
A	O	A	O	G	M	E	A	I	R	O	E	T	L	S	R	A	F
R	E	R	D	A	A	C	W	C	O	D	U	V	I	C	O	R	O
I	S	T		C	O	R	D	A	B	A	M	B	D	I	B	C	R
A	T	O	S	U	M	U	I	P	O	I	O	A	A	N	A	A	M
C	O	N	T	U	B	E	R	N	I	O	R	A	D	A	Z	R	A
O	U	F	E	N	O	M	E	N	O	L	O	G	I	S	A	T	D
N	P	G	A	O	E	S	T	O	U	P	U	T	O	E	R	A	O
C	O	D	R	F	A	S	A	C	U	R	T	I	R	C	A	O	A
I	B	S	S	H	O	T	S	D	E	U	S	O	D	O	T	E	M
N	R	Q	U	E	S	E	L	I	X	E	A	M	A	Q	U	E	T
I	E	P	O	I	L	A	U	R	E	A	R	A	P	E	V	I	E
	A	D	E	U	E	X	O	R	S	I	Z	A	R	R	A	T	O

contubérnio | direta | exorcizar | aluno-estrela | corete | estágio remunerado | método | cláudia concinidade | inconformado

Zaha Hadid e a prima



<http://blog.miragesludio7.com>



Frank Gehry em drogas

# Tesourinhos Deprimentes



## Acontecimentos

<p><b>27 MAR</b></p> <p>QUEM DÁ MAIS @FAUP 21H</p>	<p><b>19 MAR- 14 MAI</b></p> <p>ESCALURA E AÇÃO: O CORPO COMO FUNDAMENTO PARA EXPANSÕES @FBAUP</p>	<p><b>3-14 ABR</b></p> <p>O RESTO JÁ DEVEM CONHECER DO CINEMA @TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO</p>	<p><b>4 ABR- 16 MAI</b></p> <p>CAOS – AR DISCIPLINA @REITORIA UP</p>	<p><b>5 ABR</b></p> <p>AULA POR NUNO GRANDE C/ ADRIANA CALCANHOTO @FAUP</p>
<p><b>8-9 ABR</b></p> <p>ARCADA @ESMAD 9H-19H</p>	<p><b>9-21 ABR</b></p> <p>MERCADO DE PÁSCOA DO PORTO @PRAÇA DA BATALHA</p>	<p><b>9-20 ABR</b></p> <p>ESCHER: A OBRA DO ARTISTA HOLANDÊS NO PORTO @ALFÂNDEGA DO PORTO</p>	<p><b>10-14 ABR</b></p> <p>12ª FESTA DO CINEMA ITALIANO @CINEMA TRINDADE</p>	<p><b>10 ABR</b></p> <p>CONFERÊNCIA RICARDO BAK GORDON 15H @FAUP</p>
<p><b>11 ABR</b></p> <p>PIERROT, LE FOU DE JEAN-LUC GODARD 21H30 @ CASA DAS ARTES</p>	<p><b>11 ABR</b></p> <p>POESIA LIVRE 21H30 @ ESPAÇO LIVRE</p>	<p><b>11 ABR</b></p> <p>FEUP ROCK FEST 16H @AEFEUP</p>	<p><b>12 ABR</b></p> <p>CONCERTO MÚSICAS BRASILEIRAS MÚSICAS PORTUGUESES 21H30 @ CASA DA ARQUITETURA</p>	<p><b>13 ABR</b></p> <p>SÁBADO-FEIRA 14H @MAUS HÁBITOS</p>
<p><b>13 ABR</b></p> <p>ATO POÉTICO TEMPO 3 21H30 @ CASA DA ARQUITETURA</p>	<p><b>13 ABR</b></p> <p>ASSEMBLEIA GERAL ABERTA APJAR @RUA PROFA CAROLINA DE FREITAS SOARES DE CARVALHO N32</p>	<p><b>14 ABR</b></p> <p>DEBATE BRASIL ATUAL 18H30 @CASA DA ARQUITETURA</p>	<p><b>17 ABR</b></p> <p>FCPORTO vs liverpool 20h00 @Estádio do Dragão</p>	<p><b>25 ABR</b></p> <p>Feriado Feriado Feriado Feriado Feriado</p>

